

A Imaginação Sociológica: desenvolvendo o raciocínio sociológico nas aulas com jovens e adolescentes. (Experiências e Práticas de Ensino)¹

Ileizi Fiorelli Silva (UEL)
ileizi@uel.br

O tema que proponho para este mini-curso contém vários conceitos que nos remetem às reflexões epistemológicas da nossa **ciência de referência, a sociologia**. O que é “imaginação” sociológica? O que é “raciocínio” sociológico? Como podemos desenvolver com os alunos a “imaginação”, o “raciocínio”, as “formas de pensar” sociologicamente? O que é “sociologia” ou os “modos de pensar” sociologicamente?

Esses temas foram tratados com esses títulos por dois sociólogos. *A imaginação Sociológica* é título do livro, publicado pela primeira vez em 1959, pelo sociólogo norte-americano Wright Mills. *O Raciocínio Sociológico* é título do livro, publicado em 1991, pelo sociólogo francês Jean-Claude Passeron². Evidentemente, o problema do que seria o *pensamento sociológico* é recorrente em todos os pensadores clássicos e contemporâneos, dos diferentes países e do Brasil, sendo apresentado com diferentes títulos, em várias publicações³. O meu objetivo, neste mini-curso, não é o de fazer um balanço sobre essa discussão de forma a mapeá-la com rigor sociológico e filosófico. Em outra oportunidade, poderíamos aprofundar o debate sobre esses estudos e sobre essa temática tão necessária para **a construção de pressupostos epistemológicos e metodológicos do ensino de sociologia**.

Parto desses títulos, porque eles são sugestivos para pensarmos **o ensino da disciplina sociologia** em nossas escolas. Ajudam a refletir sobre **o ensino de sociologia** para os adolescentes, os jovens e alguns adultos que retornam ao Ensino Médio. Talvez ajude, ainda, a indagar sobre o ensino de sociologia nos primeiros anos dos cursos superiores, onde encontramos jovens e adultos, que não foram iniciados em nossa ciência de referência.

¹ *Roteiro* apresentado no mini-curso do Simpósio Estadual de Sociologia, promovido pela Secretaria de Estado de Educação do Paraná, nos dias 20 a 22 de Junho de 2005, em Curitiba-Pr.

² Utilizo aqui as edições em português: MILLS, C. Wright. *A Imaginação Sociológica*. 4.a ed. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1975. PASSERON, Jean-Claude. *O Raciocínio Sociológico: o espaço não-popperiano do raciocínio natural*. Tradução de Beatriz Sidou. Petrópolis: Vozes, 1995.

³ Sem pretender ser exaustiva, cito alguns exemplos de publicações em que se pode encontrar essas discussões: PIAGET, Jean. *A Situação das Ciências do Homem no Sistema das Ciências* (Volume1). Tradução de Isabel Cardigos dos Reis. Lisboa: Livraria Bertrand, 1971; HABERMAS, J. *La Lógica de las ciencias sociales*. 3ª ed. Madri: Tecnos, 1996; FERNANDES, Florestan. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. 4.ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.; BOURDIEU, P; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, J-C. *A Profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999; BOURDIEU, Pierre. *Método Científico e Hierarquia social dos objetos*. In: NOGUEIRA, M. A; CATANI, A. (Orgs). *Escritos de Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p.33-38; DAHRENDORF, R. *Sociedad y Sociologia: la ilustracion aplicada*. Tradução por Jose Belloch Zimmermann. Madrid, Editorial Tecnos, 1966; IANNI, Octávio. *Sociologia da Sociologia*. São Paulo, Ática, 1989.; BERGER, Peter. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.; BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

Os pressupostos teóricos e metodológicos para o ensino de sociologia devem ser buscados no acúmulo de elaborações da ciência, ou seja, nesses cento e cinquenta anos (mais ou menos) de construção da sociologia, o volume de pesquisas e teorias produzidas criaram lógicas, formas de pensar os fenômenos sociais que nos informam sobre os modos de pensar sociologicamente. Temas clássicos foram trabalhados por grandes pensadores, que se tornaram clássicos e, que são recorrentes nas pesquisas contemporâneas. É aí que devemos buscar nossos pressupostos de ensino. Tais pressupostos orientam a seleção dos conteúdos e a criação dos métodos de ensino. O ofício de professor é parecido com o ofício do artesão que aprende os conhecimentos com os mestres de ofício, mas vai criando suas técnicas ao longo de sua vida. A base do ofício é o saber, são os saberes elaborados historicamente sobre a arte, ou nosso caso, sobre a ciência. As técnicas nascem das necessidades contemporâneas e do saber acumulado e apropriado pelo artesão e pelo professor.

Dessa forma, não temos motivos para ficarmos totalmente perdidos, desorientados e sem saber por onde começar o ensino de sociologia nas escolas. Temos que nos concentrar em duas dimensões da nossa tarefa: o saber acumulado da sociologia e as necessidades contemporâneas da juventude, da escola, do ensino médio e dos fenômenos sociais mais amplos. Do saber acumulado, definimos princípios lógicos do raciocínio e da imaginação sociológica. Das necessidades contemporâneas, definimos modos de ensinar, técnicas de criação de vínculos da sociologia com os alunos. Como a sociologia é uma ciência da modernidade e é relativamente nova em relação às outras, o saber acumulado sobre os mais variados fenômenos sociais é novo, não é de todo superado. Mesmo os estudos dos clássicos, tais como, Durkheim, Marx e Weber, guardam alguma atualidade e vínculos com as necessidades contemporâneas de compreensão da realidade. Evidentemente, que há milhares de novos estudos que tentam acompanhar as mudanças rápidas e constantes do mundo moderno e, talvez isso, deixe-nos um pouco ansiosos, quando vamos definir programas, conteúdos e metodologias de ensino.

Entretanto, no debate coletivo, com nossos pares, professores do ensino médio e do ensino superior, podemos, pouco a pouco, ir percebendo que é possível definir princípios partindo da ciência de referência, tendo como parâmetro nossas experiências de ensino. O que já conseguimos ensinar? Como ensinamos determinados conteúdos? Quais técnicas de ensino criamos? Como os alunos conseguiram aprender? Como medimos essa aprendizagem?

Assim como há um acúmulo de conhecimentos na sociologia que pode nos orientar sobre o ensino, há também um acúmulo sobre como ensinar sociologia. É verdade que há um descompasso nesses acúmulos. A constituição da **sociologia como ciência** está mais avançada, há mais pesquisas, métodos de investigação, reflexões sobre teorias e metodologias, etc. A **sociologia como disciplina escolar** é ainda incipiente, não está totalmente constituída, consolidada e com lugar definido nos

currículos das escolas. Dessa forma, existe menos reflexão, estudos e experiências sobre o ensino de sociologia. Estamos numa fase em que temos que estruturar essa dimensão da nossa ciência, a dimensão didática, pedagógica e de reprodução dos conhecimentos científicos nos níveis mais básicos da formação humana nas escolas.

Proponho um exercício que poderá nos aproximar do que seria ensinar sociologia, desenvolvendo a *imaginação sociológica* ou o *raciocínio sociológico* nos alunos do ensino médio. Parte dessas propostas desenvolvi em cursos que ministrei no antigo 2.º grau, na habilitação de Magistério, na primeira série do curso de Pedagogia, em minicursos com alunos do ensino médio na UEL, entre outras experiências de ensino⁴.

1. INDIVÍDUO & SOCIEDADE - BIOGRAFIA & HISTÓRIA

Os principais pensadores e criadores das teorias sociais, tais como Marx, Durkheim, Mauss, Spencer, Weber, entre outros, se debruçaram sobre a **relação indivíduo e sociedade**, sobre a dialética, a contradição, os nexos, a interdependência, enfim, **sobre como os indivíduos criam as estruturas sociais e são criados por elas**. Dessa forma, por que não iniciarmos um curso de sociologia tratando desse tópico? Por que não criarmos metodologias de ensino que tratem das **biografias dos alunos** como ponto de partida para a **compreensão da sociedade**?

As metodologias de pesquisa avançaram muito nesse sentido, com as técnicas da história oral, dos depoimentos baseados em histórias de vida, das entrevistas qualitativas, ou seja, há hoje um arsenal de técnicas de pesquisa que tentam apreender os fenômenos sociais a partir da relação dos indivíduos com as estruturas sociais e vice-versa⁵.

Como transpor essas técnicas para o ensino de sociologia?

Pensando nesse problema, realizando atividades nas escolas, lendo o Capítulo 1 “Sociologia e Sociedade” do livro *Iniciação à Sociologia*, organizado por Nelson Tomazi (1993) e ouvindo o relato de uma experiência no Rio Grande do Sul, da professora Kelly Cristine Corrêa da Silva Mota, apresentada no XII Congresso da sociedade Brasileira de Sociologia, em 2005, *História de vida*

⁴ Esclareço que a minha concepção de ensino, ou do que é o **ato de ensinar** funda-se numa visão positiva, ensinar é uma atividade da *práxis humana*, que garante a produção e a reprodução da sociedade e da história. Ensinar não é apenas uma atividade técnica circunscrita na escola, mas é uma ação política que visa a transformação dos alunos. Educar e ensinar são processos de conflitos, de desestabilização e de *constrangimentos*. Não saímos do mesmo jeito que entramos nos processos de ensino-aprendizagem. Esse processo é histórico e deve ser baseado no acúmulo de saber que também é histórico. Ensinar sociologia é uma atividade embasada nos mais de 150 anos de história dessa ciência, nas necessidades contemporâneas e nas condições sociais. Nosso ponto de partida é o acúmulo da ciência e o papel do Ensino Médio no processo de construção do tipo de homem e de sociedade que desejamos forjar.

⁵ Considero exemplar para discutir a *relação indivíduo e sociedade* a análise de Norbert Elias sobre a trajetória de Mozart. Elias estuda não apenas Mozart, mas a posição que o compositor ocupou na sociedade de sua época, as determinações que pesaram sobre seu destino pessoal e os constrangimentos que sofreu no exercício de sua criação. Apresentou os modelos de estruturas sociais em que vivia o músico no século XVIII, demonstrando o que Mozart foi capaz de fazer como indivíduo, e o que não era capaz de fazer, apesar de sua grandeza e singularidade. Conferir: Norbert Elias. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

como metodologia de ensino, resolvi retomar o texto de Wright Mills e outros que apresento a seguir, para embasar nossas metodologias de ensino sobre esse tópico.

Wright Mills afirma que:

“A imaginação sociológica capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos. Permite-lhe levar em conta como os indivíduos, na agitação de sua experiência diária, adquirem frequentemente uma consciência falsa de suas posições sociais. Dentro dessa agitação, busca-se **a estrutura da sociedade moderna** e dentro dessa estrutura são formuladas **as psicologias de diferentes homens e mulheres**. Através disso, a ansiedade pessoal dos indivíduos é focalizada sobre fatos explícitos e a indiferença do público se transforma em participação nas questões públicas.

O primeiro fruto **dessa imaginação** _ e a primeira lição da ciência social que incorpora _ **é a idéia de que o indivíduo só pode compreender sua própria experiência e avaliar seu próprio destino localizando-se dentro de seu período;** só pode conhecer suas possibilidades na vida tornando-se cômico das possibilidades de todas as pessoas, nas mesmas circunstâncias em que ele. Sob muitos aspectos, é uma lição terrível; sob muitos outros, magnífica. Não conhecemos os limites da capacidade que tem o homem de realizar esforços supremos ou degradar-se voluntariamente, de agonia ou exultação, de brutalidade que traz prazer ou deleite da razão. Mas em nossa época chegamos a saber que os limites da ‘natureza humana’ são assustadoramente amplos. Chegamos a saber que **todo indivíduo vive, de uma geração até a seguinte,** numa determinada **sociedade;** que vive uma **biografia e que vive dentro de uma sequência histórica**. E pelo fato de viver, contribui, por menos que seja, para o condicionamento dessa sociedade e para o curso de sua história, ao mesmo tempo em que é condicionado pela sociedade e pelo seu processo histórico.

A imaginação sociológica nos permite compreender **a história e a biografia e as relações** entre ambas, **dentro da sociedade**. Essa é sua tarefa e sua promessa. A marca do analista social clássico é o reconhecimento delas [...]” (Mills, 1975, p.11-12, grifos meus)

Mills (1975) indica que o papel da sociologia seria permitir a compreensão das relações entre a história e a biografia dentro da sociedade moderna, ou seja, esse é um dos objetivos do ensino da sociologia para os jovens, adolescentes e adultos nas escolas em que trabalhamos. Assim, para responder aos alunos a pergunta inevitável “por que temos que estudar sociologia? Para que serve a sociologia?”, podemos iniciar instigando-o a pensar sobre sua história de vida, sobre sua biografia de vida. Pode-se acordar com os alunos um período de paciência com a disciplina, ou seja, paciência no sentido de esperar um pouco para perceber e sentir no que a sociologia poderá ajudá-lo, em termos de compreensão da sua vida pessoal em relação à vida social.

Inicia-se a aula, explicando que a sociologia é a *autoconsciência da realidade social*, que ela poderá levá-los a compreender os:

“[...] mecanismos que tornam a vida dolorosa, inviável até [...] [e que isso] explica as contradições [sem] resolvê-las. Mas, por mais cético que se possa ser sobre a eficácia social da mensagem sociológica, não se pode anular o efeito que ela pode exercer ao permitir aos que sofrem que descubram a possibilidade de atribuir seu sofrimento a causas sociais e assim se sentirem

desculpados; e fazendo conhecer amplamente a origem social, coletivamente oculta, da infelicidade sob todas as suas formas, inclusive as mais íntimas e as mais secretas. Esta constatação, apesar das aparências, não tem nada de desesperador. **O que o mundo social fez, o mundo social pode, armado deste saber [sociológico] desfazer.**” (Bourdieu, 1998 p. 735, grifos meus)

Quais são os principais sofrimentos hoje? O que aflige os indivíduos das nossas famílias?

Os próprios alunos poderão levantar problemas. É bem provável que o desemprego apareça nessa longa lista de sofrimentos coletivos, mas que aparecem aos indivíduos como sofrimentos individuais. Os desempregados pensam que são fracassados; os empregados pensam que não fizeram o suficiente e, por isso, ganham pouco; os indivíduos da classe média pensam que deveriam ser mais empreendedores para ascender à classe burguesa; enfim, todos são levados a pensar que seus problemas são individuais e não coletivos.

Mais uma vez, Mills (1975) nos ajuda a sintetizar o quanto a imaginação sociológica pode elucidar problemas deste tipo:

“Talvez a distinção mais proveitosa usada pela **imaginação sociológica** seja a entre as **‘perturbações pessoais originadas no meio mais próximo’** e **‘as questões públicas da estrutura social’**. Essa distinção é um instrumento essencial da imaginação sociológica e uma característica de todo trabalho clássico na ciência social.” (p.14, grifos meus)

[...] Nessas condições consideremos o desemprego. Quando, numa cidade de cem mil habitantes, somente um homem está desempregado, isso é seu problema pessoal, e para sua solução examinamos adequadamente o caráter do homem, suas habilidades e suas oportunidades imediatas. Mas quando numa nação de 50 milhões de empregados, 15 milhões de homens não encontram trabalho, isso é uma questão pública, e não podemos esperar sua solução dentro da escala de oportunidades abertas às pessoas individualmente. A estrutura mesma das oportunidades entrou em colapso. Tanto a formulação exata do problema como a gama de soluções possíveis exigem que consideremos as instituições econômicas e políticas da sociedade e não apenas a situação pessoal e o caráter de um punhado de indivíduos.” (p.15,)

Podemos continuar a lista de problemas que nos parecem individuais, mas são coletivos, são públicos, por exemplo: o chamado fracasso escolar, as reprovações nos vestibulares das universidades públicas, a dificuldade em se integrar na vida social moderna ou pós-moderna, enfim, problemas próximos dos jovens.

Após esse preâmbulo, poderíamos solicitar que os alunos escrevessem suas biografias a partir de alguns tópicos que definimos em função da relação que pretendemos fazer com a estrutura social,

com a sociedade capitalista moderna. A prof.^a Kelli Mota (2005) realizou a seguinte proposta :”*a proposta é a produção escrita, pelos alunos, da sua história de vida a partir de eixos temáticos, tais como: local de origem, família, orientação religiosa, profissão, trabalho, lazer, grupos de amigos, expectativas em relação à escola, para serem apresentados e discutidos com a turma de aula.*”

Há uma outra sugestão que extraí das pesquisas de Bernard Charlot (1996, 2001) e tenho utilizado nos estágios e nas escolas, que propõe as seguintes atividades iniciais: oficinas de produção de textos verbais e não-verbais, com depoimentos, discussões, cenas pessoais dramatizadas, modelagem, desenhos, fotografias, montagem de maquetes e muita conversa. O objetivo é levar os jovens a produzirem discursos sobre si mesmos, sobre os saberes e sobre a sociedade de que fazem parte. Nessa dinâmica pede-se para os alunos elaborarem o **“balanço do saber”** em que os alunos produzem um texto avaliando os processos e os produtos de sua aprendizagem. Este texto inicia-se assim: **“Desde que nasci, aprendi muitas coisas; em casa, no bairro, na escola, em muitos lugares. O que me ficou de mais importante? E agora, o que eu espero?** (Charlot, 2001)

Gosto desta segunda dinâmica porque além de provocar que o aluno pense sobre sua história, estimula-o a pensar sobre sua relação com a escola e com os saberes. Na verdade, para nós professores as respostas indicarão o quanto ele está envolvido com os saberes escolares, com a escola e com as outras esferas da sociedade. O próprio texto nos permite diagnosticar o domínio sobre a língua portuguesa, as formas de expressão, ou seja, o estágio de elaboração abstrata em que o aluno é capaz ou não de se expressar. A dinâmica proposta pela prof.^a Kelli Mota também possibilita esse diagnóstico da fase de desenvolvimento do aluno em relação aos saberes escolares.

Para este mini-curso proponho a junção dessas duas experiências: ***história de vida e balanço do saber.***

Para passar para os tópicos sobre Sociedade/Estrutura, o professor deve exercer seu ofício de sociólogo, analisar sociologicamente as repostas, identificar as condições sociais dos alunos, pensar como irá intervir na realidade deles em termos de desenvolvimento cognitivo, como irá ajudá-los a escrever e a ler melhor, além de se apropriarem dos conhecimentos sociológicos.

A partir das respostas, preparar os temas sobre a **Estrutura – Sociedade**

Essa transição é fundamental. A ligação dos alunos com os temas – dependerá da habilidade do professor sentir o que será mais atrativo no início

POSSIBILIDADES: – **tipos de personalidades predominantes** – indiferentes, inquietas, egoístas, individualistas, solidárias, altruístas...?

Tipos de famílias – arranjos entre pares, gêneros, grupos, classes, etnias?

O que é ser criança hoje? O que é **ser jovem?**

As religiões – igrejas, seitas, cultos, esoterismo, ...?

Lazer - ócio – formas de diversão, de relaxamento, esporte, TV, cinema....?

Trabalho - tipos, formas de se empregar, de sobreviver, de produzir as condições materiais das famílias, ?

Escola – espaço público – regulamentado pelo Estado ?

ESSE BLOCO SÓ É COMPREENDIDO SE LOCALIZADO NA ESTRUTURA SOCIAL

Como vivem as famílias, as crianças, os jovens, como e no quê trabalham, se tem e como exercem o ócio –tempo livre – o lazer, a relação e o acesso à escolarização dependem dos modos como o país se organizou em termos de classes sociais, grupos sociais, níveis de desigualdade, de mobilidade social, as mudanças mais radicais, como organiza as instituições políticas e o próprio Estado Nacional

Estado Nacional - como sentimos a presença ou não do aparato do Estado?

Penso que nas biografias aparecerão os mais variados temas e problemas, que caberá a nós professores organizar didaticamente, selecionando o que mais poderá nos levar a aprofundar os conteúdos da disciplina sociologia.

2. A SOCIEDADE CAPITALISTA (VISTA PELOS CLÁSSICOS)

Nessa fase do programa em que podemos focar mais **nas estruturas** do que nas biografias e na vida cotidiana dos alunos, não significa abandonar a preocupação de criar vínculos dos alunos com a disciplina. Assim, continua-se a interação com as experiências dos alunos, mas agora é preciso que eles se afastem cada vez mais dos pensamentos já estabelecidos sobre sua biografia e sua vida cotidiana. Vamos levá-los para olhares mais amplos no tempo e no espaço, nas regularidades e nas novidades dos fenômenos sociais e culturais.

Aqui vários recursos serão necessários, tais como, textos sociológicos, recortes de jornais e revistas, filmes, charges, fotos, enfim tudo que for possível encontrar e que esteja vinculado ao conteúdo selecionado.

A realização de pesquisas exploratórias pelos alunos no bairro, na escola, no município, no trabalho, no lazer, na igreja, entre outros espaços sociais poderá auxiliar na construção do raciocínio e da imaginação sociológica, desde que muito bem elaboradas e orientadas pelo professor, que deverá fornecer teorias, exemplos de pesquisas sobre o tema já realizadas, métodos, cronogramas, etc.

SOCIEDADE CAPITALISTA – o que significa viver nesta sociedade de tipo capitalista?

Nas biografias dos alunos aparecerá, provavelmente, as migrações dos avós, dos pais; as profissões, o desemprego, as separações, enfim, elementos que precisam ser explicados na **estrutura social**.

Como as teorias explicam a sociedade capitalista?

Penso que poderíamos optar por apresentar os clássicos aos alunos, por uma série de razões: a primeira refere-se ao fato de que eles formularam de forma brilhante as principais questões sobre a vida moderna e a sociedade capitalista; a segunda razão diz respeito ao fato de que tais problemas perpassam ainda as nossas vidas, embora tenham se complexificado mais; a terceira razão, diz respeito ao fato de que as teorias contemporâneas têm sido elaboradas em diálogo com esses teóricos. Dessa forma, encontrar uma forma de ensinar essas teorias aos alunos do ensino médio poderá abrir-lhes perspectivas de compreensão das teorias contemporâneas, que poderão ser indicadas em atividades, nas pesquisas empíricas que forem desenvolvidas pelos alunos, entre outras oportunidades.

Para iniciar o estudo do clássico, parte-se dos problemas levantados na biografia e no balanço do saber elaborado pelos alunos, identificam-se os problemas que os clássicos formularam a respeito e então as explicações que propuseram em suas pesquisas e teorias⁶.

Os problemas indicados pelos alunos deverão ser reelaborados à luz das teorias e apresentados aos alunos que deverão participar de dinâmicas. Essas dinâmicas devem ser pensadas no sentido de induzi-los a começar a pensar de acordo com a lógica de pensamento dos teóricos.

Vou dar alguns exemplos de dinâmicas que já desenvolvi. Uma dinâmica que já utilizei muito é a proposta pelo Paulo Meksenas para iniciar o estudo da teoria de Durkheim

“Imaginando que a sociedade é semelhante ao corpo humano, descreva-a”

Pede-se para os alunos, em grupos, fazer a analogia entre o corpo humano e a sociedade. Esse exercício visa preparar uma forma de raciocínio presente no funcionalismo e no organicismo que fizeram analogias entre as ciências da natureza e as ciências sociais. Os alunos já vão, de forma simplificada, começando a pensar com a “cabeça” de Durkheim.

Outra possibilidade é pedir para os alunos que tentem explicar os problemas que levantaram em suas biografias. Por exemplo se apareceu a questão da violência, do desemprego, da dissolução das famílias nos moldes tradicionais, as drogas, enfim fenômenos sociais que nos afetam diretamente. Quais as razões para a existência desses “desvios”? Como poderiam ser solucionados?

Como temos uma forte tradição positivista no Brasil, é comum que os alunos já tenham um raciocínio semelhante a essa teoria funcionalista e positivista. É possível que digam que a solução para esses problemas seriam mais leis, novas regras, intervenção do Estado, educação moral, mais

⁶ Ressalta-se que, não é história da sociologia ou das idéias sociológicas, mas ensino de teorias clássicas que fundam o raciocínio sociológico e são pertinentes para a localização dos alunos no mundo moderno.

religião, mais punição, mais ordem social, etc. Ou, ainda, que não tem solução, que na vida “é cada um por si e Deus para todos”, que “o mundo é dos espertos”, enfim é possível que os alunos demonstrem apatia, indiferença e falta de perspectiva. O importante é encontrar um jeito de lhes mostrar que até isso é uma produção social fundamental de nosso tempo, faz parte da *consciência coletiva* de nossa época e cumpre uma função importante na reprodução do tipo de sociedade baseada no consumo, nas relações efêmeras, passageiras, etc..

No caso da comparação da sociedade com o corpo humano é comum aparecer que o cérebro é o Estado, os braços são os trabalhadores, o coração é a família, as pernas são os empresários, os olhos são os meios de comunicação, e assim por diante. Aparecem inúmeras possibilidades de comparação. Isso não é o mais importante. O importante é o exercício da analogia.

Toda essa ambientação favorece a compreensão das aulas que o professor deverá ministrar sobre a teoria propriamente dita. A construção da aula expositiva dependerá desses elementos captados nas dinâmicas iniciais e das leituras do professor.

Como Durkheim explica a reprodução da sociedade? Com ele explica a relação entre Indivíduo e sociedade?

Aqui retoma-se a biografia do aluno e vai indicando a formação da consciência coletiva, ou seja, como ele foi sendo educado a partir de regras e valores sociais que ele já encontrou prontas quando nasceu. Desde os costumes de higiene, alimentação, relações afetivas, formas de namorar, casar e procriar, modos de se relacionar com o transcendente (deus), modos de educação, a escola, a língua pátria, a nação, o Estado, etc... Tudo isso já estava aqui quando ele, o aluno, nasceu. E toda essa gama de regras, sentimentos coletivos se impôs a ele de maneira irresistível, através de coações, constrangimentos, etc. Como o aluno está na fase da adolescência e da juventude pode compreender que ele ainda está no processo de educação, de ser “formatado” de acordo com a consciência coletiva. Os alunos tendem a ser mais sensíveis aos processos de constrangimento, são mais resistentes...

Mas, haverá espaço para o indivíduo? Segundo Durkheim, na sociedade capitalista, onde predomina a divisão do trabalho social racional, o que tece as relações sociais é a solidariedade orgânica, que é baseada na especialidade e função de cada trabalhador, profissional e é nesse espaço que ele realiza sua individualidade, pois depende dele a realização daquela tarefa. Fora isso, sobra pouco espaço para um indivíduo autônomo, separado e independente da consciência coletiva. A sociedade está no indivíduo e o indivíduo está na sociedade.

As sociedades pré-capitalistas seriam mais sólidas em função da solidariedade mecânica, que une as pessoas em função dos sentimentos comuns, dos valores, etc. Os indivíduos estão presos à

sociedade pela tradição e não pela sua função racional, como na solidariedade orgânica. Nessas sociedades haveria muito menos espaço para os indivíduos em termos de autonomia. Já a sociedade moderna seria uma totalidade orgânica, composta por partes diferentes, mas interdependentes.

É interessante aprofundar os conceitos de divisão do trabalho, de solidariedade mecânica e orgânica, etc.

Como Marx explica a reprodução da sociedade? Com ele explica a relação entre Indivíduo e sociedade?

Marx compreende as trajetórias individuais a partir dos contextos de produção material e espiritual da vida. No caso dos homens, a produção é coletiva, depende da associação e da relação que estabelecem com a natureza. Como os homens exploram a natureza, criam seus instrumentos de produção do alimento, da roupa, da habitação, dos saberes necessários para dominar as forças da natureza?

Nesse processo o homem trabalha, cria sua vida e faz a história, é sujeito da elaboração do mundo social. Entretanto, ao estabelecer as formas de produzir sua vida, cria ideologias, valores e maneiras de compreender o mundo que o dominam. A própria criatura se sobrepõe ao criador. O homem faz a história não como ele quer, mas como ele pode e consegue fazer. Nesse ponto, os indivíduos dependem dos contextos materiais e históricos em que vivem. A sociedade seria uma totalidade contraditória. Na sociedade capitalista a contradição básica é a produção coletiva e a apropriação privada dos bens, assentada nas classes sociais que sempre estão em conflito.

Aqui pode-se puxar uma porção de eventos relatados nas biografias dos alunos. Os desejos, as necessidades de seus grupos que, dependem das condições históricas do Brasil.

Para problematizar o capitalismo a partir de Marx, pode-se levantar questões tais como:

O que é trabalho? O que é capital? Qual a diferença entre capital e trabalho? Qual diferença entre dinheiro e capital?

O que é lucro? Onde inicia o lucro no processo de produção das mercadorias ou no processo de comercialização das mercadorias (na circulação)?

Qual trabalhador é mais explorado, o brasileiro ou o japonês?

Vejam que essas questões induzem os alunos a começarem a pensar nos problemas que Marx pensou e, a partir das respostas e dos debates nós, os professores, podemos começar a expor sobre os conceitos de trabalho, modo de produção, exploração, mais-valia, mais-valia absoluta e mais-valia relativa, etc.

Aqui também é bom resgatar os elementos das histórias de vida dos alunos, os problemas atuais de trabalho, desigualdades sociais, migração, desemprego, etc.

E, **como Weber explica** a relação entre o indivíduo e a sociedade? A reprodução da sociedade?

Para Weber os indivíduos se compõem nas diferentes esferas da sociedade, numa teia complexa e repleta de acontecimentos que são relativamente autônomos uns aos outros. A sociedade não é uma totalidade (nem orgânica e nem contraditória) com lógica própria e aplicável a todos os fenômenos sociais. Por isso, a sociedade *não é aquilo que pesa sobre o indivíduo*, mas aquilo que *se veicula entre eles* em cada esfera, a social, a econômica, a política, a religiosa, etc. A realidade social é o encontro entre os homens e os valores aos quais eles se vinculam e os quais articulam de modos distintos no plano individual. Podemos pensar, então que a sociedade pode ser estudada pelas *ações sociais* porque elas carregam os sentidos que configuram as esferas, os espaços na realidade mais ampla. É por isso que é comum afirmar que Weber dá mais importância **ao indivíduo** do que Durkheim e Marx. Porque ele pensa na sociedade não como um *bloco*, mas como uma *teia*, em que os indivíduos agem segundo uma infinidade de valores, sentimentos, orientações continuamente reelaboradas por eles, impossibilitando as explicações totalizantes que não apreendem o fluxo das mudanças e permanências contínuas na vida social e dos indivíduos. Isso não significa que não exista um condicionamento social sobre os indivíduos. As regras, as leis, os costumes condicionam as ações sociais, uma vez que os indivíduos agem sempre em expectativa aos outros, à comunidade. Entretanto, esses indivíduos também encontram espaços de modificações dessas regras e costumes, mesmo que sejam modificações pequenas, num primeiro momento insignificantes, até modificações mais radicais, que certamente não surgiram de repente, mas foram sendo gestadas nas *ações sociais* cotidianas ao longo da história cultural.

Suas interpretações sobre a sociedade capitalista foram elaboradas em diálogo com o funcionalismo e com Marx, procurando destacar os nexos mais variados possíveis entre diferentes dimensões da realidade e que poderiam explicar o desenvolvimento do capitalismo. Em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, demonstra o nexo entre a racionalidade típica do ocidente, desenvolvida na esfera religiosa, no protestantismo e na economia capitalista.

Que tipo de indivíduo formou-se no protestantismo e no capitalismo? Que *ethos* tornou-se predominante?

Para pensar sobre o capitalismo a partir de Weber, dinâmicas que problematizem a racionalidade técnica, a hegemonia das ações racionais (ações segundo o cálculo meios e fins/custo e benefício), a institucionalização segundo a lógica da burocracia, com rotinas e regras técnicas e racionais (no sentido do cálculo capitalista, da dominação legal).

Levantar perguntas: Como estão organizadas, em termos de hierarquias e funções, as empresas de produção, as repartições públicas, a escola, as igrejas?

Quais os critérios de seleção, ascensão nas igrejas, empresas, escola, mundo artístico, serviços públicos, etc? Como se organiza a dominação no mercado, nas empresas, nas igrejas, no Estado? O que é burocracia? O que é racionalização?

Mais uma vez, resgata-se os elementos da biografia dos alunos, das repostas do debate em torno dessas questões e explicam-se os conceitos de Weber.

Um exercício de fechamento seria uma comparação entre os três teóricos. O que dizem sobre a relação indivíduo e sociedade e sobre a sociedade capitalista. Já elaborei junto com as salas esses quadros comparativos, forçando que os alunos, além de relacionarem sociologia e vida cotidiana, aprendam a relacionar teorias diferentes.

Dependendo do que apareceu nas biografias e nas aulas sobre essas teorias, que visam desenvolver o raciocínio sociológico nos alunos, pode-se elencar outros temas que vão sendo organizados em aulas e pesquisas mais empíricas, tudo dependerá do número de aulas, alunos, e condições do professor. Entretanto, textos de pesquisas já realizadas, que contenham dados estatísticos, estudos de caso, etc, devem ser utilizados, lidos em sala de aula, resumidos pelos professores e debatidos nas aulas.

Como exercício final do ano pediria que refizessem o “balanço do saber” destacando aquele ano, ou seja, “de tudo que aprenderam na escola, na família, na sociedade em geral, o que ficou de mais importante? De tudo que aprenderam em Sociologia o que ficou de mais importante?” Ou ainda, solicitar que refaçam a **história de vida relacionando sua biografia com a história social, com a estrutura da sociedade**, ressaltando pontos que, claramente, sua história ficou condicionada pela sociedade e pontos que considera que conseguiu alterar, mudar seu “destino” em relação à sua origem social e familiar.

ALGUMAS INDICAÇÕES

Como são experiências recentes, não há ainda uma formulação mais teórica e sistematizada, além do que, essas práticas podem ser criticadas e modificadas, sendo este texto um ponto de partida para o debate. Espero receber contribuições do coletivo para que, futuramente, este texto/roteiro supere suas limitações atuais.

Gostaria de destacar que, o importante seria poder aprofundar com os alunos alguns conceitos e desenvolver a **imaginação sociológica**. Dessa forma, a quantidade de temas e conteúdos não deveria ser extensa. Se conseguirmos, durante um ano todo, levar os alunos a pensarem as contradições, os nexos e as interdependências entre suas vidas e a sociedade, já teremos conseguido atingir o objetivo de fazê-los raciocinar sociologicamente. O modo como faremos isso será

condicionado pela nossa ciência, pela nossa própria imaginação sociológica que somos capazes de potencializar como professores e pelas condições dos alunos e das escolas.

Evidentemente, que neste mini-curso, muito da produção atual na sociologia não foi mencionada, porque sei que no ensino médio não teremos espaço e, nem seria nossa função, desenvolver todo o acúmulo das ciências sociais. Entretanto, nós como sociólogos-professores temos que nos esforçar para acompanhar essa produção, utilizá-la na criação de nossas metodologias e nas seleção dos conteúdos.

Existe, hoje, um conjunto de reflexões sociológicas e antropológicas que nos permitiriam tratar por exemplo, das relações afetivas, de como a flexibilização na organização da produção e das relações capital-trabalho, é percebida também nas relações amorosas. O fenômeno do “ficar” entre os adolescentes é um sintoma desses novos vínculos mais efêmeros, fluidos, rápidos, como na concepção dos *fast food*, *Mac Donald*, etc. Fazer a relação entre as manifestações amorosas e afetivas com as mudanças na estrutura do capitalismo, com a intensificação da comunicação instantânea (internet e outros) e com a hegemonia da cultura juvenil é uma reflexão extremamente interessante e instigante para os jovens. Existe uma bibliografia que enfrenta esses problemas, como por exemplo: Z. Bauman em *Modernidade e Ambivalência*, *O Mal-estar da Pós-Modernidade*, *Modernidade Líquida*, etc; A. Giddens em *As Conseqüências da Modernidade*, *A transformação da Intimidade*, etc.; M. Castells em *A Sociedade em Rede* (3 volumes), entre outros. As pesquisas sobre juventude, urbanização e educação no Brasil têm avançado muito nessas relações entre as várias dimensões da vida do indivíduo e da sociedade.

Não podemos esquecer, ainda, de que sobre a estrutura do capitalismo e da sociedade brasileira, nós temos inúmeros estudos fundamentais, tais como os de Caio Prado Junior, Gilberto Freyre, Florestan Fernandes, Otávio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, Francisco de Oliveira, Luis Fiori, etc, etc, Penso que não precisamos ministrar aulas sobre cada um desses autores, mas tendo-os como referência, enriquecer nossas aulas, nosso repertório, nossa imaginação sociológica.

Entretanto, devo confessar que sou meio conservadora, na dúvida entre tantas orientações, num contexto de falta de direcionamentos de modo geral e em particular na educação escolar, acho seguro retornar aos clássicos e oferecer, aos alunos, o que eles produziram de reflexão e de criação do que se tornou, hoje, **o raciocínio sociológico**.

BIBLIOGRAFIA

- ALVAREZ, Marcos César; TOMAZI, Nelson D. Indivíduo e Sociedade. In: TOMAZI, Nelson D. (coord.). *Iniciação à Sociologia*. São Paulo: Atual, 1993, p.11-36
 ARON, R. *As Etapas do Pensamento Sociológico*. 3.^a ed. Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: Martins Fontes; Brasília, DF: EDUnB, 1990
 BERGER, Peter. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983. 247pp.
- BOURDIEU, P; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, J-C. A Profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 328pp.
- BOURDIEU, Pierre. Método Científico e Hierarquia social dos objetos. In: NOGUEIRA, M. A; CATANI, A. (Orgs). Escritos de Educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p.33-38
- BOURDIEU, Pierre (coord). A Miséria do Mundo. 2ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- CHARLOT, Bernard (org). Os Jovens e o saber: perspectivas mundiais. Porto Alegre, RS: Artmed Editora, 2001.
- CHARLOT, Bernard. Relação com o Saber e com a Escola entre estudantes de Periferia. In: Cadernos de Pesquisa, n.º 97, p47-63, trad. Neide Luzia de Rezende, maio de 1996
- COSTA, Sergio. A mestiçagem e seus contrários: etnicidade e nacionalidade no Brasil Contemporâneo. In: *Tempo Social*; Revista de Sociologia da USP. São Paulo, n.º 13 (1): pp 143-158, maio de 2001.
- DAHRENDORF, R. Sociedad y Sociologia: la ilustracion aplicada. Tradução por Jose Belloch Zimmermann. Madrid, Editorial Tecnos, 1966
- DaMATA, Roberto. Em Torno do Autoritarismo Político: reflexões, dúvidas, indagações. In: *Instituto de Estudos Avançados da USP*, Documento, n.º 4, Série Educação, junho de 2001, pp 16-37. / 9 folhas
- DRAIBE, Sonia. Qualidade de Vida e Reformas de Programas Sociais: o Brasil no cenário latino-americano. In: Lua Nova, n.º 31, São Paulo, 1993.
- DURKHEIM, E. Educação e Sociologia. São Paulo: Melhoramentos, 1978. (tradução Lourenço Filho)
- DURKHEIM, Emile. Da Divisão do Trabalho Social.
- _____. A filosofia nas universidades alemãs (1887).
- _____. As Regras do Método sociológico.
- _____. O ensino filosófico e a agregação de filosofia (1895).
- FERNANDES, Florestan. A Sociologia no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980
- FERNANDES, Florestan. *Democracia e Desenvolvimento*. São Paulo: Hucitec, 1994. (pp 99-120 / pp 190-210)
- FERNANDES, Florestan. Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada. São Paulo: Pioneira, 1976
- FERNANDES, Florestan. Fundamentos empíricos da explicação sociológica. 4.ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.
- FIORI, José Luis. *Os moedeiros falsos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p.201-239.
- FREYRE, G. Casa grande & senzala. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1994.
- FREYRE, G. Ordem e progresso. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1962.
- FREYRE, G. Sobrados e mucambos. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1961.
- GIDDENS, Anthony. Capitalismo e Moderna Teoria Social. Lisboa: Editorial Presença, 2000.
- HABERMAS, J. La Lógica de las ciencias sociales. 3ª ed. Madrid: Tecnos, 1996
- HOLANDA, Sérgio B. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1984. (pp 137-151)
- IANNI, O A idéia de Brasil moderno. São Paulo, Brasiliense, 1992.
- IANNI, Octávio. Sociologia da Sociologia. São Paulo, Ática, 1989.
- IANNI, Octavio. *Estado e Planejamento Econômico no Brasil*. 4.ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986. (pp301-316) / 7 folhas
- IANNI, Octávio. Sociologia da Sociologia. São Paulo: Ática, 1989
- IANNI, Octavio: Teorias da Globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996
- MARX, K. O Capital : crítica da economia política: Livro I (Volume 2). 18º. ed. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002 (2v.: 966p.)
- MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. Tradução de Pietro Nasset. São Paulo: Martin Claret, 2002 (texto de 1848)

- MARX, Karl. O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte. 2^a. ed. Tradução de Silvio Donizete Chagas. São Paulo: Centauro, 2000
- MILLS, C. Wright. A Imaginação Sociológica. 4.^a ed. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1975. 246pp.
- OLIVEIRA, Francisco. Privatização do Público, destituição da fala e anulação da política. In: OLIVEIRA, Francisco; PAOLI, Maria Célia (orgs). *Os sentidos da Democracia: Políticas do dissenso e hegemonia global*. 2.^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Brasília: NEDIC, 1999, pp.55-81.
- OLIVEIRA, Francisco. *Os direitos do Antivalor*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- OLIVEIRA, Francisco; PAOLI, Maria Célia (orgs). *Os sentidos da Democracia: Políticas do dissenso e hegemonia global*. 2.^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Brasília: NEDIC, 1999. *Serão utilizados os seguintes textos:*
- PASSERON, Jean-Claude. O Raciocínio Sociológico: o espaço não-popperiano do raciocínio natural. Tradução de Beatriz Sidou. Petrópolis: Vozes, 1995. 485pp.
- PIAGET, Jean. A Situação das Ciências do Homem no Sistema das Ciências (Volume1). Tradução de Isabel Cardigos dos Reis. Lisboa: Livraria Bertrand, 1971
- PIERUCCI, A Flávio. Ciladas da Diferença. São Paulo: Editora 34, 1999. (pp 104-176) 37 folhas R\$2,59
- WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. 9.^a ed. São Paulo: Pioneira, 1994.
- WEBER, Max. Burocracia. IN: Ensaio de Sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. pp.229-282. (organização e introdução de H.H. Gert e Wright Mills; tradução de Waltensir Dutra)
- Weber, Max. Economia e Sociedade - Fundamentos da Sociologia Compreensiva, Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa, Editora UNB, Brasília, 1999, vol. 1 e 2;
- WEBER, Max. Os letrados Chineses. IN; Ensaio de Sociologia pp.471-501.
- ZALUAR, Alba. A Autoridade, o Chefe e o Bandido. In: *Instituto de Estudos Avançados da USP*, Documento, n.º 4, Série Educação, junho de 2001, pp. 38-51. 14 folhas

Bibliografia para o Aluno (livros didáticos)

- COSTA, Cristina. Sociologia: Introdução à Ciência da Sociedade. 2.^a ed. São Paulo: Moderna, 1997
- MARCONDES, Ciro. Ideologia. O que todo Cidadão precisa saber sobre ideologia. São Paulo: Global, 1985
- MARTINS, Carlos B. O que é Sociologia. 7.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1984
- MEKSENAS, Paulo. Aprendendo Sociologia: a paixão de conhecer a vida. 4.^a ed. São Paulo: Loyola, 1987
- MEKSENAS, Paulo. Sociologia da Educação: uma Introdução ao estudo da escola no processo de transformação social. São Paulo: Loyola, 1988
- MEKSENAS, Paulo. Sociologia. 2.^aed. São Paulo: Cortez, 1994
- OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. Introdução a Sociologia. 23.^a ed. São Paulo: Ática, 2000
- QUINTANEIRO, Tania et all. Um Toque de Clássicos: Durkheim, Marx, Weber. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- RIDENTI, Marcelo. Política pra quê? São Paulo: 1992
- SEVERINO, A J. Métodos de Estudo para o 2.º Grau. Campinas: Papirus, 1989
- TOMAZI, N. D. Sociologia da Educação. São Paulo: Atual, 1997
- TOMAZI, Nelson D. (org.). Iniciação à Sociologia. São Paulo: Atual, 1993
- VIEIRA, Evaldo. Sociologia da Educação: Reproduzir e Transformar. São Paulo: FTD, 1994